

O LEGADO DE UMA

HISTÓRIA
DE VIDA

Artemio Nascimento

Artêmio, um "Viajante" exemplar |

Você lerá esta fascinante história até o fim sem
parar |

Artêmio é um menino da roça órfão de mãe. Ele, cinco irmãos e o pai Otacilio decidem tentar a sorte na cidade depois da "carreta quebrada". O melhor exemplo do êxodo rural ocorrido a partir dos anos 40. Aos 10 anos começou a trabalhar – entregador de jornal, garçom, auxiliar de correspondência, aprendiz de alfaiate, terceiro sargento do exército – tudo isto forjou um caráter de trabalho, dedicação, humildade e esforço incomum. Honestidade e ética vieram de berço, da roça.

Com Lúcia, constituiu uma linda família de cinco filhos – Alexandre, Jefferson, Juliana, Sandra e Rônia.

Artêmio encontrou "a pasta" em 1968 e nunca mais a largou. De Gordini, Fusca "Pé de Boi" e Chevrolet 47 rodou as estradas empoeiradas das fundões do RS e SC, representando o Pinheiro, o Zamboni, o Rorer, a sua Anasil e o Elofar. Vai de aprendiz a "melhor vendedor do país" recompensado com medalha e férias em hotel de luxo. Artêmio descreve as feições da medicina e as poucas farmácias da cidade nos anos 60, 70 e 80 em agradável narrativa. Era respeitado no meio médico, hospitalar e farmacêutico por suas qualidades.

A solidariedade e espírito de colaboração com o colega lvo, o ceguinho, desnudam a alma de Artêmio. Ele não precisa provar que é do bem. Exemplos como este quase inexistem neste terceiro milênio.

Luciano Bronzoni, Walter Pavim, Hugo Lisboa, João Lech e muitos outros colegas "de pasta" tiveram a alegria de compartilhar ricos momentos com Artêmio, um viajante exemplar |

Você lerá esta fascinante história até o fim sem
parar |



Osvaldo Lech
Médico Ortopedista
e filho de João Lech
Passo Fundo, verão de 2017

O LEGADO DE UMA

HISTÓRIA
DE VIDA



O LEGADO DE UMA

HISTÓRIA
DE VIDA

Artemis Nascimento

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual
Internacional;**

4,0

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou

envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/10/2016

Capa: Aline T. Fochi

N244I Nascimento, Artemio

O legado de uma história de vida / Artemio
Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2016.

1,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-250-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Autobiografia. 2. História de vida. I. Título.

CDU:

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

PREFÁCIO

Palavras de um amigo!

Em 1979 ingressei como propagandista da indústria farmacêutica no Laboratório Aché. Foi neste período que conheci o Artemio. Ele era propagandista do antigo Laboratório Rorer, e visitávamos juntos os médicos.

Recordo-me que Artemio já era propagandista há mais de 10 anos. Portanto, tinha boa experiência na função. Eu, por outro lado, estava iniciando na indústria e observava de maneira positiva o ótimo relacionamento do Artemio com os médicos e com os colegas propagandistas.

No que tange aos médicos, eles recebiam o Artemio com muito respeito e gostavam da sua postura profissional e pessoal. Destaco a sua simpatia, profissionalismo, comprometimento e respeito pelas pessoas e pela classe médica. Mostrava-se sempre prestativo com os médicos e colegas, e tinha, também, excelente relacionamento com as secretárias dos médicos, que é um item fundamental em nossa função, pois são elas que nos autorizam a visitar os médicos.

A trajetória do Artemio na Rorer foi muito exitosa, fruto de um trabalho magnífico frente aos médicos e aos proprietários e compradores das farmácias e hospitais. Diante disto, conquistou várias premiações como melhor propagandista do Brasil em vendas; era o melhor resultado em nível nacional. Lembro-me que o Artemio foi laureado várias vezes nas reuniões da empresa como um propagandista Top Star; era uma referência nacional para a Rorer, tanto é que várias vezes foi chamado

pelos diretores da empresa para um jantar com a esposa e os diretores em São Paulo, como forma de reconhecimento aos excelentes resultados obtidos na companhia.

Finalmente, entendo que o Artemio deixou um legado de propagandista dedicado, comprometido, ótimo profissional, simpático, boa comunicação. Obteve, sempre, resultados expressivos e soube conquistar a simpatia e a admiração das pessoas com quem conviveu na indústria por mais de 40 anos.

Desejo que o Artemio continue tendo sucesso, saúde, e acima de tudo que seja muito feliz.

Um grande abraço!

Ludiberto Villa

Passo Fundo-RS

SUMÁRIO

- 9** A Caminhada de um Grande Profissional
- 10** O começo da minha história
- 11** Passo Fundo: A nova morada
- 11** O primeiro trabalho
- 12** O ingresso no Exército Brasileiro
- 14** A volta à terra que adotou de coração
- 14** O início das atividades no que seria sua profissão por toda a vida
- 15** A transferência para a Capital do Estado
- 16** A ampliação da atividade; desta vez, para as cidades
- 17** O início do trabalho autônomo na área de medicamentos
- 18** O primeiro carro
- 21** Trabalho reconhecido e premiado
- 23** Fundando a própria empresa
- 24** O ingresso dos filhos à atividade/empresa

- 26** As mudanças em 1994
- 27** O convite do Laboratório Elofar
- 28** O início de grandes amizades com Passo-fundenses
- 29** As farmácias e amigos em Passo Fundo
- 30** Outros amigos médicos de renome
- 33** Reconhecimento à alguns amigos
- 34** Algumas passagens no trabalho e o convívio com colegas

A CAMINHADA DE UM GRANDE PROFISSIONAL

Este trabalho simples, mas que foi feito com muito carinho e dedicação, conta um pouco da vida de Artemio Nascimento da Silva, homem que ficou órfão de mãe cedo, e que também cedo, iniciou sua atividade profissional em uma das cidades gaúchas – Passo Fundo, que, hoje, ainda põe medo em algumas pessoas que na cidade buscam oportunidades melhores de trabalho; de sobrevivência. Passo Fundo, só para se ter uma idéia – resumidamente, é cidade potencial no Norte gaúcho porque abrange uma Região de mais de 120 municípios. Artemio deixa registrado, neste trabalho, não somente algumas de suas diversas experiências de vida, “importantíssimas”, como ele mesmo caracteriza, mas também algumas das amizades, das parcerias, de pessoas que foram importantes na sua vida pessoal e profissional; como o é sua família; como o são seus amigos! Aqui você, caro leitor, para quem este trabalho foi feito com extrema dedicação de todos os envolvidos, não estará somente a vida de Artemio; mas, também, um pouco da história de algumas das pessoas que o conheceram; conviveram e se tornaram importantes na vida deste homem que soube aproveitar cada oportunidade, enfrentando cada desafio, que a vida lhe impôs nestes anos. As oportunidades, e os desafios, vieram exatamente de algumas das pessoas que ele cita neste trabalho, porque o foram importantes na sua história de vida; porque tiveram importância fundamental no homem que ele se tornou, e se sente, hoje: humilde, mas especial!

O COMEÇO DA MINHA HISTÓRIA

“Nasci no ano de 1937, no interior de Marau, na localidade denominada Três Passo. Na época, havia poucas casas ali; pequenas famílias, mas todas amigas. Quando eu tinha dois anos, por uma infelicidade, minha mãe, que estava grávida de seis meses, sofreu uma queda de uma escada na casa onde morávamos. Ela sentiu-se mal; foram chamadas as moradoras das redondezas, e as mais experientes optaram por aguardar a sua recuperação por mais um dia. Como não houve esta melhora, um médico da cidade de Marau foi chamado, e, após exame de praxe, orientou internação imediata no hospital da cidade. Na Casa de Saúde ela fora atendida pelo doutor Elpídio Fialho, o qual constatou a morte do feto. Houve, com os conhecimentos médicos da época, a tentativa de salvá-la. Porém, infelizmente, no dia seguinte minha mãe vinha a falecer no hospital da cidade de Marau!”.

Artemio procurou guardar somente na sua memória “experiências de vida”. E ele terá muitas para contar aqui! E o começo é exatamente o seu “começo” de vida profissional em Passo Fundo, somado a uma das primeiras histórias, vividas com o pai, Octacílio Rodrigues da Silva, que traz consigo:

“Certo dia, eu e meu pai, andando em uma estrada próxima de onde morávamos, em carroça puxada por junta de bois, ao atravessarmos um pontilhão de madeira, este foi abaixo nos obrigando a descer da carroça, com todos os outros percalços e incômodos. Houve a necessidade de reestruturar a ponte, e, por dias, a passagem no lugar ficou interrompida. Lembro que, entre o pessoal da redondeza, o local ficou conhecido como: ‘Carreta Quebrada’. Se houve falar este nome até os dias de hoje!”.

PASSO FUNDO: A NOVA MORADA

“Anos após praticamente darmos nome ao lugar onde existia o pontilhão, meu pai resolveu vir para a cidade de Passo Fundo, trazendo com ele os seus seis filhos. O seu objetivo era nos dar melhores condições de vida; nos estudos e no profissional. Conosco, vieram algumas vacas de leite, que forneciam o produto que passaríamos a vender de casa em casa. Eu fiquei encarregado de fazer a entrega do leite em algumas destas casas. Mais tarde, meu pai instalou um armazém que, a época, se denominava de ‘secos e molhados’, o que oportunizou trabalho aos demais filhos!”.

O PRIMEIRO TRABALHO

O seu primeiro trabalho, com 11 anos, foi no jornal Diário da Manhã, de propriedade, onde também era diretor, de Túlio Fontoura. Sua primeira atividade no órgão de comunicação foi de entregador de jornal aos assinantes, função que ocupou por dois anos. Findo o período, Artemio foi convidado a trabalhar no jornal concorrente – O Nacional, de propriedade do jornalista Múcio de Castro, também diretor do órgão de comunicação social à época. “Iniciei no O Nacional na área de vendas, e depois de seis meses fui promovido para serviço interno, mais especificamente na expedição, onde fazíamos a dobra e a contagem dos exemplares”, recorda Artemio. À época, neste mesmo setor, Artemio auxiliava o supervisor, Sérgio Guimarães da Silva. Após um ano e oito meses na função, ele pede demissão, pois se encaminhava para o segmento de bar; tendo iniciado, então, no tradicional Café Paraíso, que se localizava na esquina das ruas Moron e General Neto, no centro de Passo Fundo, onde hoje se localiza o Edifício Scussel.

“Era o primeiro bar e café que tinha mesa de sinuca. Eu fazia o atendimento dos clientes que ocupavam as mesas de sinuca; mesas do bar, e no balcão”, lembra. Depois de um ano prestando bons serviços no Café Paraíso, Artemio prossegue no segmento, desta vez sendo convidado a trabalhar no Café Independência, que localizava-se na esquina das ruas Independência e General Neto, estabelecimento comercial de propriedade da Família Dalcul. Os mesmos proprietários do Café Independência o eram do Bar Brasil, que se localizava na esquina das ruas General Canabarro e Capitão Eleutério. Findo o período de três meses de trabalho no primeiro estabelecimento, ingressou no Bar Brasil, por mais seis meses. “A minha função era atendimento como copeiro e atendimento nas mesas”, ressalta Artemio. Pedindo demissão, em seguida ele ingressava no Bar Oásis (ainda em atividade), e já instalado no mesmo local de hoje – ao lado da Catedral, na rua General Neto. Aquele tempo o proprietário do estabelecimento era Oscar Becher.

“Cansado do trabalho em bares da cidade, fiz um pedido ao meu pai, Octacílio, para que me pagasse um curso de Dactilografia, no que fui atendido em seguida”, lembra. A seguir, Artemio foi contratado na empresa Maggi De Cesaro, que se localizou por vários anos na rua Moron, no centro da cidade, onde desenvolveu a função de auxiliar de correspondência, “lugar onde fiquei até que atingi a idade para a prestação do serviço militar”, recorda-se.

O INGRESSO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

No Exército Brasileiro, na cidade de Santana do Livramento, ele entrou como auxiliar do serviço de correspondência, mas, posteriormente, se dedicou ao curso de cabo Topográfico das Fileiras de Cavalaria de Exército, do Esquadrão do Petrecho Pesado. “O curso teve duração de quatro meses. Findo, recebi

a graduação de Cabo especializado em topografia de frente em combate, passados 30 dias do término do curso.”. Artemio prestou este serviço por cinco meses, estando presente em todas as manobras do Exército em cidades como Itaqui, Quarai e Alegrete. Ao retornar para a Unidade onde estava lotado (Santana do Livramento), em seguida passou a terceiro sargento.

Uma das passagens fortes na mente de Artemio são as correspondências que continuava a receber enquanto servia ao Exército; as cartas “só de minhas irmãs”! “Infelizmente, perdemos nossa mãe querida com apenas 32 anos. Como falo de mim, eu tinha, então, dois anos. Deste modo, tenho poucas lembranças dela.”. Ele recorda-se que recebia as cartas, as quais traziam – nas suas palavras: “as lágrimas de minhas queridas irmãs Alda, Rita e Ruthe!”. Artemio deu baixa do Exército, após um ano e meio de serviços prestados, atendendo a um pedido das irmãs, em fevereiro de 1957. “Voltei à minha terra natal, a minha querida Passo Fundo, tchê!”.



7 Regimento de Cavalaria - Santana do Livramento - 1956

A VOLTA À TERRA QUE ADOTOU DE CORAÇÃO

Lembro que na minha chegada foi uma grande festa junto dos meus familiares e amigos.”. Feliz por ter voltado para a cidade que estava em seu coração, Artemio recomeça a sua luta em busca de dias melhores. Aprendiz de alfaiate foi o seu próximo desafio. E o foi na Alfaiataria Zanoto, que ele começou a nova jornada, em estabelecimento que se localizava na avenida Presidente Vargas, em frente a Loja Grazziotin, sendo o proprietário, Américo Zanotto. “Fiquei no segmento por, aproximadamente, dois anos – até dezembro de 1959”, destaca.

O INÍCIO DAS ATIVIDADES NO QUE SERIA SUA PROFISSÃO POR TODA A VIDA

Em janeiro de 1960 Artemio inicia suas atividades profissionais no Instituto Pinheiros Produtos Terapêuticos S.A., com sua fábrica de medicamentos em Santo Amaro-SP.. A empresa era proprietária, em Passo Fundo, da Fazenda da Roseira, que se localizava 5 quilômetros fora do município, na saída para a cidade de Coxilha. No local haviam inúmeros cavalos e cobras, animais destinados à pesquisa, época em que era responsável o diretor, doutor Brandão, sendo químico e farmacêutico o conceituado advogado Daniel Viuniski. “Os referidos animais passavam por um tratamento rigoroso. A partir daí, eram extraídos da botropes o veneno; após aplicado nos cavalos, aguardando a formação de anticorpos, quando ocorria a imunização para as defesas do organismo contra a picada e ingestão do veneno da cobra em seres humanos”, explica. Finda esta etapa, era extraído dos cavalos o plasma (sangue), que era colocado em tonéis, que após lacrados eram transferidos de Passo Fundo para a fábrica em São Paulo. “Após o recebimento do material, era aguardado o tempo

suficiente, e, logo na tirada dos tonéis, o plasma entraria em química, e, a partir deste momento, iniciaria a produção de ampolagem específica para colocação no mercado farmacêutico; somente em hospitais, ficando à disposição das vítimas de picadas de cobras”, explica.

A TRANSFERÊNCIA PARA A CAPITAL DO ESTADO

Ainda na mesma empresa, Artemio, em março de 1960, foi transferido para Porto Alegre, onde a empresa possuía uma filial administrativa, e depositária de medicamentos, localizada na rua João Manoel, travessa da Rua da Praia, quando era gerente administrativo, Antônio de Carvalho. Foi ele quem solicitou a transferência de Artemio para a Capital do Estado, quando lá assumiu o cargo de auxiliar de correspondência.

“Indo morar definitivamente na Capital, me preocupei em continuar meus estudos. Assim, passados três anos, conclui o curso Técnico em Farmacologia. Mesmo com o pensamento em sempre melhor oferecer o meu trabalho no segmento, dentro da empresa, fui surpreendido pelo convite de Adelino Negrini, que era gerente do departamento de propaganda de Fármacos, para mudar de setor.”. A promoção significou deixar a função de auxiliar de escritório, para trabalhar diretamente com medicamentos.

Artemio passou à visitação de consultórios dentários. “Entendi que tive uma grande oportunidade. Então me ‘sujeitei’ a fazer um teste de conhecimento de fármacos. Uma semana depois eu iniciei o novo trabalho”, lembra. O novo desafio era o de localizar, nas ruas centrais de Porto Alegre, consultórios dentários, com seus respectivos endereços e consequentes horários de atendimento; contato com os dentistas, a fim de divulgar os produtos fármacos, que teriam indicação, ou prescrição, pelo profissional. Era uma linha de vacinas anti-piogênica,

com indicação nas infecções dentárias, e outra, denominada Botropase, que era indicada para a prevenção hemorrágica pós-extração dentária.

A AMPLIAÇÃO DA ATIVIDADE; DESTA VEZ, PARA AS CIDADES

O êxito alcançado na atividade, no decorrer de dois anos, sendo dinâmico, comunicativo, e mostrando facilidade nas relações interpessoais, expressão e iniciativa, e com forte espírito de trabalho em equipe, Artemio é convidado pelo seu gerente regional, Mario Santini, a assumir a função de viajante, divulgando os mais de 23 produtos da empresa. “Aceitei mais este desafio. Abracei pasta e mala, e fui à luta estrada afora, tendo trabalhado em várias cidades gaúchas, como Monte Negro, Lajeado, Estrela, Mussum, Dois Lajeados, Candelária, Venâncio Aires, Santa Cruz e Sobradinho, entre outras. “Se tratava da visitação junto à classe médica, divulgando produtos químicos e fármacos da mesma empresa”, destaca, acrescentando: “... saía de Porto Alegre, de ônibus, levando comigo uma mala com roupas, uma caixa e uma pasta com todo o material, para a visitação aos médicos em hospitais e consultórios”, recorda-se.

Artemio é homem de uma longa vida de experiências; cada passagem foi vivida com muita atenção, dedicação, zelo e carinho, vindo, daí, ter na sua memória muitas histórias de cada uma destas passagens. “Pelos mais diferentes motivos, tinha vezes que eu perdia o ônibus. Ai, a saída era pegar o trem; a ainda hoje conhecida ‘Maria Fumaça’”, cita, ainda quanto às suas viagens a trabalho. A atividade foi desempenhada por dois longos anos, como propagandista-vendedor. “Cansado de ‘ver o trem passar’, em 1967 solicitei minha transferência para Passo Fundo, lugar que acabaria por se tornar a minha sede definitiva”, cita, relembando que em função da aceitação da sua

transferência, também mudou a região que passaria a atender a partir daquele momento. Voltado à Serra e Missões, iniciava o atendimento em Passo Fundo, depois Carazinho; Santa Bárbara; Sarandi; Ronda Alta; Constantina; Nonoai; Planalto; Iraí; Frederico Westphalen; Palmeira das Missões; Panambi; Ijuí; Cruz Alta; Santo Ângelo; Santa Rosa; Girua; Tuparendi; Tucunduva; Três de Maio; Horizontina; Criciumal; Três Passos e Tenente Portela, às quais se somaram outras cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

“Além da minha atividade rotineira – visitação médica para a apresenta o dos medicamentos, me comprometi com mais uma atividade, conjunta, com a empresa: efetuar, além da venda, a cobrança”, diz. Cada acréscimo de fun o aumentava, também, o material a ser carregado para o desenvolvimento do trabalho. “Mais pastas; mais talão de vendas e de cobranças, valores de produtos vendidos há um mês, que eu recebia em dinheiro; montantes que guardava comigo pelo período de até uma semana, até ter acesso a uma agência bancária para o envio para a empresa”, lista.

O INÍCIO DO TRABALHO AUT NOMO NA ÁREA DE MEDICAMENTOS

Cansado da mesma atividade; da estrada; das viagens de ônibus e trem Maria Fumaça na visita o aos consultórios nas mais diferentes cidades, Artemio opta por pedir desligamento do Instituto Pinheiros S/A., em março do ano de 1968. “Neste mesmo mês, tive o convite de Sabino Bueno, gerente do Zambon Laboratório S/A., para que desenvolvesse a atividade como representante aut nomo; trabalho comissionado, mas ainda com vendas no mesmo setor de medicamentos. Neste período, atendi as cidades de Passo Fundo – que continuava a ser minha sede, Sertão; Estac o; Getúlio Vargas; Erechim; Viaduto;

Gaurama; Marcelino Ramos; Maximiliano de Almeida; Machadinho; São José do Ouro; Cacique Doble; Paim Filho; Sananduva; Ibiaçá e Tapejara. “Esta volta toda era chamada de: a volta da fome, porque não tinha hotéis para nossos pernoites, e nem restaurantes. Então, os viajantes que por ali passavam faziam algum lanche, e se deslocavam para o pernoite na cidade de Marcelino Ramos”, recorda-se.

O PRIMEIRO CARRO

A Região não oferecia grandes possibilidades de vendas; mas foi a época que Artemio necessitou adquirir um carro para suas tarefas profissionais. “Eu não lembro o ano de fabricação, mas me recordo bem da marca do carro: um Gordini 2. Ofereci o meu trabalho para esta empresa por pouco tempo; um ano, ou seja, até o mês de novembro daquele ano.”. Em janeiro de 1969 Artemio é convidado, pelo gerente do Laboratório Usafarma, Nilson Rodrigues, para passar a fazer parte do quadro de funcionários da empresa. “Eu estava no estágio de estudos na Usafarma, e num determinado dia, ao sair para tomar um cafézinho, na rua da Praia, encontrei Almir Fraga do Canto, que estava acompanhado de Marajó Vargas, ambos gerentes do Laboratório Hormoquímico S/A.. Para minha surpresa, fui convidado por eles para trabalhar naquela empresa, quando disse que estava hospedado em hotel, com compromisso com a Usafarma. Conversamos, e após longo diálogo, Almir do Canto foi enfático: ‘você vai trabalhar conosco, Podes passar toda e qualquer despesa para a minha responsabilidade’”, orgulha-se Artemio. Resultado: o convite foi aceito, tendo como um dos motivos principais que ingressaria na Hormoquímico como funcionário, recebendo todos os benefícios que lhe eram de direito, além de um automóvel Okm, para as viagens. “O carro era

lançamento da Volkswagem, que se chamava ‘Pé de Boi’. Era um popular, sem nenhum tipo de forração, sem tapetes. Totalmente ‘pelado’”, brinca.

Como era de costume, ao aceitar um convite, Artemio também aceitava o novo desafio, levantava a cabeça e ia à luta com muita garra e determinação. Porém, sempre buscava permanecer em sua terra: Passo Fundo. A nova empresa o levou a continuar atendendo a mesma Região, além da inclusão de poucos municípios aos que já atendia. O que mudou, um pouco, em relação a experiência na última empresa que trabalhara, foram as metas traçadas pela nova empresa. Artemio cita, ainda, outras mudanças, oportunidade em que, em outubro de 1970, Almir Fraga foi transferido para São Paulo, onde assumiu o cargo de gerenciamento em todo o Brasil, quando assumiu sua função, de gerente da filial de Porto Alegre, Marajó Vargas, que, antes, era administrativo na mesma filial.

“Com tais mudanças, houve também alteração na empresa, inclusive, a troca do carro que eu atendia o meu setor. Recebi um carro mais original. Infelizmente, na primeira viagem de carro sofri um acidente, pois não existia asfalto; as estradas eram todas de ‘chão batido’. No trecho de Palmeira das Missões para Frederico Westphalen, andava na minha frente um caminhão, e no momento que tentei passar por ele, levantou uma nuvem de poeira; perdi a visão, e acabei subindo com a lateral esquerda do carro em um morro de pedras. Segurei firme a direção, e, graças a Deus, nada demais me aconteceu”, recorda-se Artemio, hoje, como uma das passagens pitorescas da sua vida profissional. À época, alguns dos incômodos foi ter que aguardar a polícia para os levantamentos de praxe – o que levou mais de hora, e, após, comunicar a empresa do acidente. No dia do acidente, o pernoite foi na cidade de Frederico Westphalen, no Hotel Cantelli.



O primeiro acidente de trânsito que aconteceu com Artemio, entre as cidades de Palmeira das Missões e Frederico Westphalen

No dia seguinte, deu continuidade às suas atividades profissionais. “Ao chegar no hotel, ao anoitecer, tinha uma ligação urgente da gerência de Porto Alegre. Em comunicação com o gerente, Marajó, este solicitou minha ida urgente para Porto Alegre, para participar de uma reunião”, relembra. Aconteceu uma Assembléia extraordinária, à época, em todo o Brasil para, novamente, haver alteração nominal da empresa, a qual passou a se chamar Rorer Hormoquímico Ltda., ao mesmo tempo em que foi implantada uma nova administração, o que resultou em um novo nome para a gerência da mesma. “Eu continuei meu trabalho com a mesma garra e dedicação. Mas lembro que, logo no ano seguinte, em 1971, houve uma nova mudança nominal na empresa, quando passou a denominar-se RORER DO BRASIL”, cita Artemio. Também à época, houve uma audiência administrativa na filial daquela empresa, em Porto Alegre, sendo que na época os viajantes faziam muitas cobranças referentes às vendas que efetuavam nas suas regiões de

trabalho, que seriam entregues quando havia reunião na filial, para então, depois, o gerente administrativo efetuar a remessa para a matriz, em São Paulo.

TRABALHO RECONHECIDO E PREMIADO

Apesar dos acontecimentos na empresa, que não eram de sua responsabilidade, Artemio prossegue se dedicando ao seu trabalho, impondo mais habilidade no desenvolvimento de suas tarefas, tendo contínua atenção com as metas e resultados, chegando, assim, em 1973, em primeiro lugar em vendas no Brasil. “Mais uma vez a vida me surpreendeu: fui chamado pelo diretor presidente do Laboratório, Luiz Fernando Alayon, para que conhecesse a empresa, em São Paulo, onde fiquei por uma semana”, destaca.



*Medalha de Honra ao Mérito
Campeão de Vendas Brasil, no ano de 1973*

Após a viagem de visita e reconhecimento da empresa, Artemio retorna para Passo Fundo, e, mais uma vez, recebe novo convite. Ele, juntamente com toda sua família; esposa Luiza e os cinco filhos, Alexandre, Jeferson, Juliara, Sandro e Ronie, para ficar hospedado em hotel 5 estrelas, com todas as despesas livres, pelo período de uma semana, oportunidade em que também recebe muitas homenagens e premiações.



*Homenagem pelos seus 10 anos de trabalho,
do Laboratório Rorer do Brasil, no ano de 1979*



*Placa em homenagem aos 10 anos de Colaboração,
mais um reconhecimento do Rorer do Brasil*

“Após uma semana, retornei para a minha cidade e reiniciei meu trabalho com muita força e dinamismo, e novas metas, procurando sempre o máximo para alcançar meus objetivos para com a empresa”, lembra.

FUNDANDO A PRÓPRIA EMPRESA

Findo um período extremamente produtivo, e de muitas realizações profissionais, Artemio acaba por, em 15 de julho de 1985, tomar uma decisão pessoal: solicitar a demissão, o que foi recebido com surpresa pela empresa. “Ainda me perguntaram se eu estava brincando. Disse: não! O meu objetivo era o de construir minha própria empresa, o que fiz em agosto de 1985, e que denominei Anasil, Empresa de Representação e Comércio Ltda., dando início ao meu trabalho logo no mês seguinte, no mesmo segmento; indústria farmacêutica”, cita.

A primeira representada que fez parte da Anasil foi a Química e Farmacêutica NIKKHO do BRASIL, que se situava na Ilha do Governador (Rio de Janeiro). “Apresentei para eles as seguintes condições: 15% de comissões no faturamento. Nesta época ainda não existiam as distribuidoras, pois o próprio propagandista fazia a visitação médica, e também efetuava a venda; a cobrança já viria através da rede bancária”, recorda-se. Em novembro de 1985 a Anasil recebe mais uma representada, desta vez, a Novaquímica Laboratório, quando era gerente o que já desenvolvera a mesma função na RORER do BRASIL, portanto ex-colega, Marajó. “Já tendo conhecimento do meu trabalho, ele me ofereceu a representada somente comissões na venda e na cobrança. Abracei e fui à luta.”.

O INGRESSO DOS FILHOS À ATIVIDADE/EMPRESA

Passado um ano e meio, mais especificamente em 1987, mais uma representada entra na empresa de Artemio; a Luitpol Laboratório do Brasil, com comissões no faturamento. “Com muito entusiasmo e dinamismo no crescimento da minha empresa; no mesmo segmento da visitação médica e no atendimento de vendas, fiz um convite aos meus filhos, Alexandre e Jéferson, dando-lhes, então, a oportunidade para ingressarem na indústria farmacêutica”, lembra Artemio com orgulho. Os filhos aceitam, surpresos, o convite do pai, e, à exemplo de Artemio na sua história de vida profissional, vão à luta, no que lhes era uma novidade em termos de trabalho. “Nos abraçamos juntos, com muita força, coragem, comunicação e espírito de luta familiar, dentro da indústria Farmacêutica”, repassa a experiência Artemio. Ainda no ano de 1987, com a indicação de Sabino Bueno, gerente do Zambon Laboratório, a Anasil recebe a representação do Farmion Laboratório Farmacêutico,

que tinha, à época, na gerência e direção, Pietro Pozzo. Sempre num diálogo importante com os filhos, Artemio vai recebendo novas representadas, e, dá continuidade ao trabalho com muita vontade, dedicação e dinamismo no segmento. A próxima representada a ser parceira – a buscar a parceria do grupo Anasil, é a União Química Farmacêutica, somente na parte de venda com comissão sobre o faturamento. Com a experiência adquirida ao longo dos anos, participações em Eventos Médicos, e com a marca Anasil mais conhecida, as representadas foram parceiras da empresa por longos anos.

Destacamos a 22ª Jornada de Gastroenterologia que foi ministrada e coordenada pelo Dr. Carlos Antonio Madalosso. Foi um evento histórico dentro da medicina na região do Planalto Médio.

Nesta oportunidade tive a satisfação através de diretores do Laboratório Cristália de receber o convite para a empresa Anasil representar o mesmo na região.



Jornada de Gastroenterologia - Passo Fundo - 1987



Convenção de Estudos Laboratório União Química - 1993 - MG

AS MUDANÇAS EM 1994

“Em 1994 houve uma grande mudança na política das indústrias farmacêuticas. Aos poucos, as empresas foram rescindindo os contratos com a Anasil, a fim de dar continuidade ao mesmo segmento, onde eu já havia implantado meu trabalho. As mesmas colocaram funcionários, diminuindo quase que total minhas representadas, quando fiquei com somente a Farmion Laboratório”, lembra Artemio. Apesar das mudanças, a maior preocupação se direcionou aos filhos. Porém, a amizade conquistada ao longo dos anos, principalmente com gerentes da indústria farmacêutica, o levou a conseguir colocação para os filhos num curto espaço de tempo. “O Alexandre conseguimos no Laboratório Sintofarma. Sempre trabalhando no mesmo segmento, e desenvolvendo as mesmas atividades. Após algum tempo naquela empresa, ele recebe convite do Laboratório Sandoz, quando consegue, então, vaga para seu irmão Jéferson, no lugar que deixara no Laboratório Sintofarma”, diz.

Como trabalhou com metas na indústria farmacêutica, e com facilidade de comunicação, com vários cursos profissionalizantes no mercado, Artemio continua seu trabalho no segmento, desta vez somente com a Farmion. A empresa tinha na direção, Pietro Pozzo, que, à época, já apresentava saúde debilitada, o que lhe impedia de continuar com os esforços suficientes para manter a rotina de trabalho. Em função do falecimento de Pozzo, em seguida assume, como diretor, Antonio Cauduro, o que não só dá continuidade ao trabalho, como implanta uma nova política na empresa, o que perdura por muitos anos. “Estando eu já adaptado à rotina da empresa, sempre com dinamismo e comunicação fluente, continuei oferecendo meus esforços no segmento. Infelizmente, no ano de 2005, com muita tristeza, após implantar um renomado trabalho, Antonio vem a falecer”, recorda-se Artemio. Após o falecimento do amigo, assume o cargo (diretor presidente) o filho de Antonio, Leonardo Cauduro. Com a mudança de nome no principal cargo da empresa, novamente muda a política interna. Artemio, confiando sempre na sua comunicação, dinamismo e dedicação, e já interado das novas metas implantadas, abraça o trabalho com muita garra, e vai à luta, mais uma vez, onde permaneceu até março de 2008.

O CONVITE DO LABORATÓRIO ELOFAR

Em março de 2008, Artemio solicita a rescisão de contrato da Farmion com a Anasil. No mesmo mês e ano, Artemio recebe convite de Carlos Cleber Barthier, então gerente Regional do Laboratório Elofar, a fim de representá-lo na Região de Passo Fundo; incluindo, aí, as viagens pelas quais já havia apresentado o seu trabalho. “O mesmo comunicou que viria logo a Passo Fundo, acompanhado do supervisor, para que conversássemos. O encontro se deu no Café Rok`s. Na chegada de ambos, para

minha surpresa, tal supervisor era meu amigo de pasta há muitos anos. Tratava-se de, Nivio da Costa.”. A proposta era para que Artemio aceitasse representar a Elofar na Região. Como houve entendimento, mais uma vez, no mesmo segmento, ele assume uma nova causa, mas sempre com a mesma força, dinamismo, dedicação, espírito de luta, e com mais experiência, dá continuidade ao seu trabalho; visitação médica e a venda de produtos do laboratório Elofar, por durante dois anos.

O INÍCIO DE GRANDES AMIZADES COM PASSO-FUNDENSES

Registro que Artemio julga de extrema importância neste trabalho sobre sua vida profissional, é o início das suas atividades na indústria farmacêutica, mais especificamente quando inicia suas visitas aos médicos, na Capital do Estado. “Fazendo a divulga o dos produtos fármacos, junto à classe médica, fui surpreendido com a primeira visita médica na Santa Casa de Misericórdia, onde encontrei o então residente, Carlos Antonio Madalosso, pois havíamos sido colegas de estudo no Colégio Concei o, de Passo Fundo”, recorda do amigo, Artemio. Da conversa, saiu a indica o, por parte de Madalosso, de mais amigos para que ele fizesse a visita o, e, apresenta o de seus produtos. E foi em seguida, levando Artemio para uma sala, onde se encontravam outros conhecidos seus de Passo Fundo: Paulo Lamaison Santos; Rudah Jorge; Rui Carlos Donadussi; Kleber Paim e Daniel Borner. “Bota coincidência, nisto! Como nada acontece por acaso, entendi, naquele momento, que as portas começavam a se abrir novamente. Era o sucesso do meu trabalho no segmento; a indústria Farmacêutica.”.

AS FARMÁCIAS E AMIGOS EM PASSO FUNDO

Lembro, que quando iniciei o trabalho, na cidade de Passo Fundo, considerado um dos maiores centros hospitalares e de ensino, existiam poucas farmácias. Era a farmácia do Circulo Operário, que tinha como responsável técnico, Oscar de Vasconcelos, especializado em Medicamentos Homeopáticos, que se situava na avenida Brasil, em frente ao Colégio Notre Dame; Farmácia Fontoura, também na avenida Brasil, em frente a antiga Faculdade de Odontologia, que era responsável técnico, Antonio Fontoura; Farmácia Indiana, na avenida Brasil, próxima a rua Capitão Eleutério, onde era responsável técnico, Quinto Giongo; na mesma área, a Farmácia Central, de propriedade de Italo Preto.”. Artemio recorda-se, com carinho, de Giongo e Preto, que tinham o costume de tomar o “tradicional” chimarrão, uma vez que era somente um atravessar a avenida, e já se encontrar no estabelecimento do outro. À época, existiam, ainda, as drogarias Birmann, denominadas Drogabir, que se localizavam na rua Moron, bem próxima a Praça Marechal Floriano; Farmácia Rosa, na avenida Brasil, esquina com a rua Coronel Chicuta; Farmácia Confiança, também situada na avenida Brasil, esquina com a rua Fagundes dos Reis, além da avenida Presidente Vargas, onde estava instalada a Farmácia Mauá, na esquina com a rua Prestes Guimarães. Nesta farmácia o responsável técnico, e proprietário, era Ilario Bonoto. Em seguida, surgiram as farmácias Drogazil, situada na rua Bento Gonçalves, que tinha como proprietário, responsável técnico, e farmacêutico, Daniel Viuniski. Ainda na avenida Brasil, a Panvel, que era dirigida por Edson Garcez. “Desta forma, com o passar dos anos, de 1972, dei continuidade ao meu trabalho, acompanhando o crescimento e o desenvolvimento, também, no segmento, dentro da indústria farmacêutica”, deduz Artemio.

OUTROS AMIGOS MÉDICOS DE RENOME

Ao dar continuidade na divulgação dos produtos voltados à saúde, Artemio visita médicos como o doutor Sabino Arias, oriundo de Ernestina, para iniciar sua atividade médica em Passo Fundo; doutor Nicolau Araújo Vergueiro, que estava, então, na direção clínica da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo; quando assume, após, a mesma direção o doutor Sabino Arias, que montou seu consultório na rua General Neto, abaixo da Praça Marechal Floriano.

“Com sua dedicação, persistência e esforço, o doutor Sabino trouxe, para Passo Fundo, o que acabou por beneficiar toda esta grande Região, a Faculdade de Medicina. Profissionalização e dedicação à área médica sempre foi a marca do doutor Sabino”, sintetiza Artemio. Ele relembra, com pesar, de experiência passada pelo médico: “Mesmo com todo o seu profissionalismo, e dedicação à área médica, infelizmente a sua filha, Adriana, adoeceu, e ele não conseguiu a cura da filha. Ela veio a falecer, o que resultou na sua decepção com o que ocorreu, o que o fez desistir da sua profissão, de médico, em 1964”, recorda-se.

Após duas décadas na direção do hospital São Vicente de Paulo, entregou a responsabilidade para o doutor Sérgio Lângaro, assumindo, de imediato, a direção de diretor clínico do referido hospital. Em seguida, o doutor Sabino transfere-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde fixa residência, e torna-se um grande empresário no ramo de RAIOS X e filmes para clínicas médicas. O doutor Sabino faleceu em dezembro de 2012.

Artemio recorda-se, também, do importante trabalho desenvolvido pelo doutor Sérgio Lângaro naquela Casa de Saúde. Com dinamismo, o profissional da saúde desenvolveu o seu trabalho até o ano de 1969. “Posterior a ele, assumiu aquele maior centro hospitalar da Região, a mesma função – diretor

clínico, o doutor Rudah Jorge. Este profissional assume uma grande responsabilidade, mas com dinamismo, dá continuidade ao importante trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela direção anterior”, destaca Artemio. Ele cita, também, Hilário De David, que, na administração do São Vicente, é peça importante no trabalho conjunto com o doutor Rudah Jorge, na Casa de Saúde.

Artêmio prossegue o seu trabalho com muito afinco, e continua sua visitação aos médicos da cidade, como ao doutor Jovino Freitas (Otorrinolaringologista), que tinha seu consultório na avenida Brasil, junto à sua residência, que está lá até os dias atuais; doutor Felipe (oftalmologista), que tinha consultório na rua Bento Gonçalves, onde hoje se localiza o Edifício Felipe; doutor José Carlos de Medeiros, que era também oficial da Brigada Militar, e que tinha consultório na rua Capitão Eleutério, esquina com a avenida Brasil. Em prédio antigo, recebia seus pacientes, sendo a maioria exatamente de famílias brigadianas.

“Me lembro, pois me ative ao detalhe, que para que as pessoas chegassem ao seu consultório, era necessário subir uma escadaria de, aproximadamente, 24 degraus; ao chegar na sua sala já estavam estafados depois do sacrifício”, brinca Artemio, acrescentando: “e, depois que chegavam na sala, eles ainda tinham que perguntar aonde estava o doutor, que lá estava, em seu cantinho, como de costume, numa mesa onde haviam pilhas de jornais e revistas. Apesar do jeito quieto, sempre atendera seus pacientes com zelo, dedicação e seriedade. Seu apelido, me recordo, era: ‘doutor Cigano’.”. O doutor Paulo Fragomeni é outro profissional que está, de forma carinhosa, na memória de Artemio, profissional que tem o seu consultório, até os dias atuais, na rua Moron; o doutor Sérgio Lângaro, com consultório na rua Bento Gonçalves, no Edifício Adriana, onde continua oferecendo aos seus pacientes um atendimento a contento; doutor Firmino da Silva Duro, que tinha consultório na rua

Bento Gonçalves, ao lado da Clínica Dr. César Santos; doutor João Carlos de Oliveira, com especialidade em Pediatria, com consultório na avenida Brasil, próximo ao Clube Comercial de Passo Fundo; doutor Arnildo Sarturi, com consultório na avenida Brasil, ao lado da Clínica Kozma. Artêmio.

Ele cita, ainda, o doutor Antônio Albuquerque, também pediatra, que tinha consultório na rua General Neto, em frente a antiga Caixa Econômica Estadual. “Recordo, que este médico exigia muito dos pais, quando estes levavam seus filhos para consultar. Ao prescrever a medicação, orientava para que os pais passassem toda a noite acordados, também, para não perder o horário de medicar os filhos, para que fizessem efeito. Se fossem relapsos, não era para retornar ao consultório.”. O doutor Telmo Ilha, igualmente Pediatra, é outro profissional lembrado com carinho por Artemio. Tinha consultório na rua Fagundes dos Reis, esquina com a avenida Brasil, ao lado do Colégio Protásio Alves. “Àquela época o meu trabalho no atendimento das farmácias, também, ia aumentando, assim como o número de médicos”, destaca.

Na Rua Bento Gonçalves, estava instalada a Clínica César Santos, (especializada em radiologias) que tinha como proprietário-diretor, o doutor César Santos, a qual funcionou naquele endereço por longos anos. Após o falecimento de seu proprietário-diretor, assume a direção da Clínica o doutor Platão Vieira, dando continuidade à prestação de serviços de excelência aos pacientes. Quando o doutor Platão faleceu, em seguida se deu o fechamento da Clínica.

Em frente a Clínica César Santos havia uma outra grande clínica especializada, no ano de 1967, onde atendiam os doutores Antônio Carlos Madalosso (clínico e gastroenterologista); Carlos Rui Donadussi (urologista); Paulo Lamaison Santos (otorinolaringologista) e Rudah Jorge (pediatra).

RECONHECIMENTO À ALGUNS AMIGOS

“Ao dar prosseguimento ao meu trabalho, tive o prazer e a satisfação de conhecer o colega de nome Ivo, que residia na cidade de Cruz Alta. Ele trabalhava no NIKKHO Laboratório Farmacêutico do BRASIL.”. Com a passagem do tempo Artemio e o amigo começam a viajar juntos, dividindo o deslocamento hora no carro de um; hora no carro de outro. Em determinada viagem Ivo não passa bem, e pede para que o colega assuma o volante, diante da afirmativa de que está perdendo a visão. “A viagem foi suspensa ali mesmo. Retornamos à sua cidade, e a primeira providência foi levá-lo ao socorro. Não me recordo o nome do médico que o atendeu, mas recordo que a orientação foi para que se dirigisse urgente para Porto Alegre, a fim de um atendimento mais minucioso. Infelizmente, a partir daquele dia, o meu amigo não recuperou mais sua visão!”, fala com sentimento, Artemio.

Gesto interessante de Artemio, em relação ao colega, pós comunicado à empresa do mesmo do incidente com Ivo, foi o de se oferecer para que ambos continuassem viajando juntos, e Ivo, assim, podendo dar prosseguimento às suas visitas, tudo acontecendo com a devida autorização da empresa NIKKHO. “A dedicação do amigo, o dinamismo, sua competência, fizeram com que os diretores da empresa na qual ele trabalhava aceitassem que ele, comigo, continuasse a sua atividade”, lembra Artemio, que passou a desenvolver, somadas às suas, as atividades antes de responsabilidade do amigo, tais como anotação de pedidos em farmácias e consultórios médicos. Artemio também se recorda, com humildade, que não fora somente ele a auxiliar o colega que apresentara problemas de visão, “a maioria dos colegas se prontificaram a fazer o mesmo, e por muitos anos auxiliamos Ivo a dar prosseguimento na sua atividade.”.

ALGUMAS PASSAGENS NO TRABALHO E O CONVÍVIO COM COLEGAS

A aquisição da “ Chevrolet Fleetline 1947, Barata duas portas”, trouxe algumas aventuras , na verdade, as estradas eram muitas precárias. O “Baratão Chevrolet”, pesada, quando chovia muito, eram certas as caídas para as valetas. O socorro e ajuda vinha dos colonos, em várias oportunidades, com uma junta de bois, e com correntes, auxiliavam para a retirada do “ Baratão “ das valetas, isso, entre outros carros que atolavam, formando filas praticamente, brinca Artemio, acrescentando que, não era muito, mas os “atolados” sempre pagavam um pouco aos “socorristas”, pois, caso contrário – e como o itinerário era costumeiro na vida dos viajantes, na próxima poderiam ficar sem o socorro. Ainda deste tempo, em uma das atoladas em valetas, próximo a um “bodegão”, dado o socorro, ele se dirige ao proprietário, em conversa com o homem, e na falta das tradicionais correntes, que eram usadas na época para envolver as rodas melhorando a aderência do carro nas viagens no barro , resolve comprar 20 metros de corda, cortada em pedaços de 2 em 2 metros. “Tive a idéia de passar a corda entre os furos das rodas do baratão, tentando proporcionar maior aderência à evitando assim sua saída para as valetas. Seguindo viagem, apressado, a corda esquentava, rebentava e novamente era emendada e amarrada”.

Em viagens para a cidade de Erechim, onde normalmente pernoitavam em hotel de mesmo nome. A primeira providência, cansado da viagem, era um banho; “Tinha somente um chuveiro instalado no corredor do hotel. Após um belo banho, na maioria das vezes combinávamos com colegas, sair para jantar”. Naquela época, tinha no centro de Erechim, o famoso Café Grazziotin, que era muito – usando termo da época: “chique do último”! Lógico, o local era bem frequentado, inclusive por lindas garotas.

Após os momentos de descontração, voltávamos para o hotel, para, no dia seguinte, continuarmos a nossa luta; visitação médica e visitas em farmácias. Dois dias se trabalhava em Erechim”, lembra Artemio. Os dias seguintes a atividade se concentrava em outras cidades, que Artemio ainda se recorda do nome: Jacutinga, Campinas, Barão do Cotegipe, São Valentin e Herval Grande, chegando até a travessia do Rio Uruguai, “onde esperávamos por horas a balsa; às vezes, todo o dia, pela quantidade de carros para fazer a travessia. Primeiro   Chapecó (Santa Catarina); depois para Nonoai, no nosso Estado; e quando terminava este roteiro, já era noite, então, dorm amos em Nonoai”, diz, seguindo o roteiro, no dia seguinte, para as cidades de Planalto, retornando, e seguindo para Trindade; Liberato Salzano; Ronda Alta; Rondinha e Sarandi, chegando, por fim, em Passo Fundo.



Barata Chevrolet, duas portas - 1947

Fato pitoresco acontecido com Artemio e Ivo, que, então, em função do seu problema, passou a ser chamado, de forma carinhosa pelos colegas, de “ceguinho”, se deu na cidade de Três Passos. Quem conta é o próprio Artemio: “Eu, Ivo, o Valter (de apelido Dinho), o Erasmo, além de outros colegas de laboratório, estávamos num barzinho, jogando General, quando de repente entrou um gaúcho, pilchado à rigor, indagando de quem era um Corcel, de cor branca, que estava estacionado em frente o estabelecimento! Dinho, que, como sempre, tomava algumas cervejas, respondeu que o veículo era seu, e indagou: por quê? O gaúcho, então, disse: porque você mexeu com minha filha! Se retire da mesa que você vai levar uns tiros! Ivo, o nosso amigo ‘ceguinho’, se levantou antes da bagunça começar, se dirigiu ao gaúcho, e tentou acalmá-lo, dizendo o que estávamos fazendo ali. E tudo não passou do bate-boca! Este acontecimento ficou marcado na minha memória como mais uma das passagens bonitas na convivência com os colegas de profissão.”

Artemio lembra, também com carinho, de Luciano Bronzoni, que iniciou o seu trabalho na indústria farmacêutica na representada de Artêmio, a Anasil, e sob a responsabilidade dele. Após um ano e meio de estágio na Anasil, Artêmio o coloca no Laboratório Luitpold, indústria farmacêutica. “Em seguida, dando continuidade a sua atividade no segmento, Bronzoni faz a Faculdade de Filosofia, e, após, concluído este curso, ele ingressa na Faculdade de Direito, quando deixa de trabalhar na indústria farmacêutica.”

Tributo ao Grande Amigo: Sr. Artêmio foi uma pessoa que contribuiu muito em minha vida, ensinou-me uma profissão, e mais do que isso, mostrou-me a forma como observava o mundo e as pessoas, sempre teve uma postura muito otimista quando enfrentava as adversidades da vida, e de certa maneira, usava muito humor e brincadeiras em suas pelepas, por isso, acredito que influenciou muito o meu agir

e o meu pensar. Pessoa que dizia as verdades doesse a quem doer. A nossa experiência mostrou que o amigo sincero elogia e critica, dessa forma, construímos mutuamente uma amizade sólida que dura até hoje. Artêmio: São tantos os adjetivos que poderia lhe dar: Meu instrutor, meu conselheiro, meu escudeiro, meu crítico, meu amigo, e sobre tudo, saiba que lhe vejo como se fosse um Pai!! No momento só posso lhe agradecer e oferecer minha amizade, desejo que sua vida continue abençoada. Entendo Deus traçou nossos destinos onde um complementou o caminho do outro. E certamente um dia quando nos reencontrarmos em um outro plano melhor e maior, então lá quero de novo abraça-lo e lhe dizer: é muito bom revê-lo amigo! Luciano Leal Bronzoni.

“Ficou marcado também na cidade de Santo Ângelo um episódio com o colega de pasta, Valter Pavim, vulgo ‘pavinzinho’. Nesta ocasião, saímos para jantar, em já no restaurante, notei duas garotas que passavam em frente, comentei com o Pavinzinho que iria sair e abordar as gurias, ao que, ele duvidou... voltei ao restaurante com as garotas e apresentei ao colega, logo aceitaram jantar conosco, bate papo daqui e dali saímos para uma “voltinha”. Terminamos a semana de trabalho e retornamos a passo fundo . como de costume sempre dávamos uma passada de água no carro, quase sempre no sábado, a Esposa do pavinzinho tinha como costume ajuda-lo nesta tarefa... de repente a bronca comeu... ela havia encontrado uma peça íntima entre os bancos... a saída dele foi jurar de pé junto que havia me emprestado o carro em uma daquelas noites passadas, bom, passando uns dias fui até a casa do colega pavinzinho pegar umas amostras, pra que, uma das piores viagens, levei a maior bronca de sua esposa e fiquei proibido de chegar por aquelas bandas... ”

Lembrando também dos colegas representantes de laboratório da minha época, Hugo Lisboa representava os Lab Imidas

e o Lab Labofarma, sendo o mesmo pai do Dr. médico Hugo Lisboa especializado em endocrinologia com muita experiência e dedicação da classe. Também muito lembrado colega João Lech que dedicou toda sua época de trabalho no laboratório Merck Sharp & Dohme, sendo ele pai do médico Dr. Osvandre Lech especializado em traumatologia e cirurgia de mão com muita dedicação junto a classe médica.

“Tenho para lhes dizer que foi uma linda experiência de vida, a qual trilhei com dedicação e esmero. A prova, é a linda família que constitui, e os muitos amigos – desculpa por não ter citado a todos, que a vida me dera! Espero que todos vocês, para quem este trabalho foi feito, ao terem lido estas paginas, como eu, tenham se recordado de momentos bons da vida de vocês. A vida é um grande aprendizado, e, eu, procurei deixar aqui pelo menos um pouco desta minha experiência!. Referenciando também, à indústria farmacêutica que me ofereceu aprimoramentos profissional e pessoal, e alguns momentos característicos dos representantes nos anos 60.”

“... A vida é um grande aprendizado, e, eu, procurei deixar aqui pelo menos um pouco desta minha experiência!”.

Grande Abraço!



Parque dos Viajantes - 1984
Esq em pé - Léo, Pavin, Pedro, Cabelão, Miguel, Porquinho e Artemio



Parque dos Viajantes - 1982
Esquerda - Artemio, Caio, Jeferson, Armando, Juarez, Rezende e Gabriel

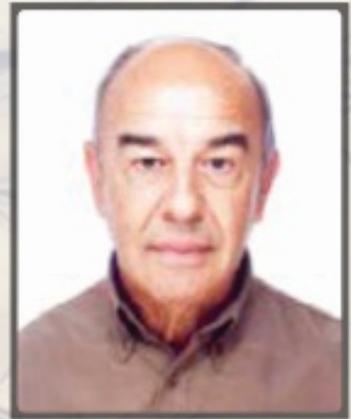


Residência da família em 1988



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Artemio Nascimento da Silva,

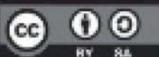
nascido em 14 de Novembro de 1937, Filho de Horizontina Barbosa do Nascimento e Octacilio Rodrigues da Silva, teve o início de sua jornada de trabalho ainda na infância, mas se realizou profissionalmente como Representante Propagandista, na área farmacêutica... Do decorrer de sua vida pessoal e carreira profissional, elegeu alguns acontecimentos, estes, estão "contados" nestas poucas páginas que resolveu escrever, para compartilhar com amigos.

"Sou grato á todos que de alguma forma contribuíram comigo, e também me permitiram contribuir em suas jornadas, creio que sempre tenhamos algo a dizer e agradecer... Creio que todos, em suas histórias, são importantes...".

“Há uma característica em comum nos melhores profissionais que conheci, todos fizeram de seu trabalho uma arte.”



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Para:
Domínio Público
Biblioteca digital de acesso aberto em software livre

